

OLHARES SOBRE O PAMPA: UM TERRITÓRIO EM DISPUTA

**Carmen Rejane Flores Wizniewsky
Eliane Maria Foletto
Organizadoras**

EDITORA
Evangraf
LTD.

Porto Alegre
2017



Conselho Editorial Evangaf
Daniela de Freitas Ledur (UFRGS)
Mauro Meirelles (UNILASALLE)
Paulo Fávio Ledur (PUCRS)
Ribas Vidal (UFRGS)
Valdir Pedde (FEEVALE)
Véra Lucia Maciel Barroso (FAPA)

© dos autores
1ª edição: 2017

Projeto gráfico: Jadeditora Editoração Gráfica
Editoração e Capa: Rafael Marczal de Lima

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

O45 Olhares sobre o pampa [recurso eletrônico]: um território em disputa / organizadoras Carmen Rejane Flores Wizniewsky, Eliane Maria Foletto. – Porto Alegre: Evangraf, 2017.
7.5 Mb ; PDF.

Inclui bibliografia.
ISBN 978-85-7727-956-2

1. Pampas- Brasil- Conservação. 2. Pampas- Uruguai- Conservação. 3. Pampas- Argentina- Conservação. 4. Pampas- Bioma. 5. Políticas públicas. 6. Sustentabilidade. I. Wizniewsky, Carmen Rejane Flores. II. Foletto, Eliane Maria.

CDU 502.63(252.5)
CDD 333.72

(Bibliotecária responsável: Sabrina Leal Araujo – CRB 10/1507)



Sumário

Apresentação 6

PARTE 1

Políticas públicas e demandas de conservação

Políticas de conservação no pampa brasileiro 10

Carmen Rejane Flores Wizniewsky
Eliane Maria Foletto

Políticas públicas para el sector agropecuario Argentino y sus consecuencias sobre la conservación de la pampa 24

Iscaro Mariano Ernesto
Jimena Verón

Políticas de la dirección Nacional de Medio Ambiente de Uruguay en la conservación de los pastizales naturales 46

Santiago Medina

Transformações estruturais no pampa 62

Luiza Chomenko

A transformação do pampa: demandas e alternativas para conservação..... 78

Fernanda Maria Follmann

Franciele da Silva

Marilse Beatriz Losekann

PARTE 2

A ação do capital no pampa

La territorialización del capital y la monopolización del territorio pampa..... 90

Ana Domínguez

La pampa argentina: ventajas comparativas y renta diferencial como elementos estructurantes de un país desarticulado 101

Gonzalo Yurkievich

El bioma pampa: un territorio en disputa 125

Marcel Achka

Transformações na paisagem do pampa: a territorialização do capital e a monopolização do território 140

Adriano Severo Figueiró

A ação do capital no território do pampa 169

Janete Webler Cancelier

Kelly Perlin Kassol

Tatiane Almeida Netto

PARTE 3

O pampa invisibilizado e as populações esquecidas

Resistencia rurales y recursos naturales en el Uruguay 180

Pablo Díaz Estévez

Etnografia da pecuária: o modo de vida campeiro no pampa Brasileiro¹..... 194

Flávia Rieth

Daniel Vaz Lima

PARTE 4

Alternativas e experiências de sustentabilidade no pampa

Agricultores assentados reconstruindo sua identidade na região da campanha gaucha..... 207

Rosa Maria Vieira Medeiros

Una experiencia de extensión rural: síntesis metodológica del trabajo realizado en Pueblo de Los Santos y Paso de Arriera 221

Milva Panizza Etcheverry

El geoparque global de laUNESCO grutas del palacio en Uruguay: instrumento para el desarrollo local sustentable 237

César Goso

Beatriz Amorín



Apresentação

Esta obra, organizada por docentes do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFSM, representa a ampliação das fronteiras do debate interdisciplinar acumulado desde 2006, quando da realização do Iº Seminário de Sustentabilidade na Região da Campanha, o qual foi sucedido pelo IIº Seminário no ano de 2010 e o I Congresso Internacional do Pampa, realizado em 2016, na perspectiva de reafirmação de que o Pampa representa muito mais do que um bioma.

O conceito de bioma francamente utilizado desde a ciência até a política, não dá conta da complexidade inerente a este território com grande diversidade natural amalgamada pelo enraizamento de uma cultura particular que coevoluiu com a paisagem ao longo dos séculos, entrelaçando a dinâmica da natureza com a história dos diferentes grupos humanos que lá vivem. A supremacia do fisionômico, e do biótico dentro dele, omite o fato de que sua estrutura atual reflete um processo histórico de manejo cultural que acaba sendo grandemente responsável pelo quadro natural que se observa hoje.

Assim, quando se chama a atenção para o baixo nível de proteção existente neste território, estamos alertando para o fato de que não são apenas as espécies do Pampa que estão desaparecendo; junto com elas e em nome de uma economia global que vê a natureza exclusivamente como fonte de recursos,

desaparecem também diferentes formas de patrimônio que se forjaram em estreita ligação com estas comunidades bióticas ao longo da história.

As estratégias da modernidade ao longo do século vinte para concretizar seu modelo civilizatório, fundado em princípios de uma racionalidade econômica, têm resultado, de um lado, na exaustão ecológica e perda do patrimônio natural e cultural naquelas áreas submetidas ao processo de exploração econômica mais intensa e, por outro lado, em uma profunda estagnação socioeconômica de comunidades que residem em áreas onde os limites do quadro natural tem mantido afastados os modelos tecnológicos da intensificação produtiva.

Tanto uma situação quanto a outra, tem contribuído para empurrar a humanidade a uma condição socioambiental insustentável, e as duas situações ocorrem no Pampa sul-americano. No “Pampa fértil”, a enorme produção de commodities tem contribuído não apenas para alimentar a balança que alimenta o neocolonialismo dos países do Prata frente ao mercado global, mas, especialmente, para desfigurar de forma irreversível a paisagem e o patrimônio desta porção do território que se insere, mesmo que de forma subalterna, à lógica do modelo hegemônico de produção.

Já no “Pampa tradicional”, em que pese o grande potencial de sócio-geobiodiversidade desta paisagem, a impossibilidade de exploração intensiva do agronegócio produziu, ao longo de décadas, uma consequente estagnação econômica frente à ausência de quaisquer outras iniciativas. A partir do início do século XXI, todavia, este quadro vem sendo rapidamente transformado por uma política público-privada que desconsidera os melhores potenciais da região em favor de um projeto de “florestamento” de árvores exóticas voltado ao mercado externo e “vendido” à comunidade regional como um “passaporte ao desenvolvimento”. No curso deste processo, os saberes, potencialidades e características tradicionais desta paisagem, bem como as alternativas locais de desenvolvimento, têm passado por uma dinâmica de “marginalização” frente às possibilidades de inserção dependente deste território à economia global. Um novo modo de vida se redesenha e se organiza, de maneira insustentável, à medida que o mundo pampeano insiste em tornar-se homogêneo.

Para fazer frente a transformações desta natureza, mais do que nunca, torna-se necessário desenvolver estratégias de conservação e sustentabilidade que sejam capazes de focar o conjunto da riqueza patrimonial deste território, dando voz às pessoas, grupos e instituições capazes de pensar um outro Pampa possível, natural e culturalmente mais rico e mais diverso.

Sob este novo olhar a paisagem, percebida de início como um espaço de profunda restrição e fraca acessibilidade às atividades humanas, em virtude essencialmente dos seus condicionamentos físicos, passa a conhecer, ao longo do

tempo, novos cenários e apropriações, onde se continuam a misturar traços de uma ocupação e usos arcaicos, com inovadoras funções e atividades. Tal condição serve de alicerce ao desenvolvimento endógeno, entendido como aquele desenvolvimento capaz de promover uma nova coerência entre os elementos tradicionais e os externos, tratando de harmonizar as condições ecológicas, socioculturais e econômicas locais.

Assim, essa obra reúne textos de pesquisadores do Brasil, Uruguai e Argentina que refletem e investigam sobre o tema em questão, realizando um debate sobre políticas públicas de demandas de conservação, a ação do capital no pampa, o pampa invisibilizado e as populações esquecidas e alternativas e experiências de sustentabilidade no pampa, contribuindo para a construção de um futuro mais sustentável para este território.

Cabe lembrar que o texto de cada autor é de sua inteira responsabilidade.

As organizadoras

MINISTERIO DE GANADERÍA, AGRICULTURA Y PESCA, MGAP, 2009, Decretos 353 y 535, Disponibles en: <<http://www.mgap.gub.uy>>Ultimo acceso: julio de 2016.
MUÑOZ, AMANDA, 2010, “Rodeados”, La Diaria (periódico), 14/9/2010.

RED DE ACCIÓN EN PLAGUICIDAS DE AMÉRICA LATINA (RAPAL), 2011, Límites sobre Escuelas Rurales, Disponible en: <http://www.rapaluruaguay.org/agrotoxicos/Uruguay/LimitesEscuelasRurales_23febrero2011.pdf>. Ultimo acceso: julio de 2016.





Etnografia da pecuária: o modo de vida campeiro no pampa Brasileiro¹

Flávia Rieth²

Daniel Vaz Lima³

As reflexões levantadas neste texto buscam dialogar com o tema proposto para este evento enquanto um momento de geração de conhecimento e troca de experiências com vistas a construção de múltiplos “olhares sobre o pampa” dando conta das suas especificidades socioculturais, econômicas, políticas e ambientais. Objetivam embasar uma compreensão das transformações geradas pela atual configuração e atuação do capital no território e, também, de reflexão das possibilidades de ações e políticas para a conservação ambiental e cultural. A antropologia pode contribuir para este debate enquanto um saber e modo de fazer que se caracteriza por investir a aprendizagem no mundo da experiência (WAGNER, 2010), na relação intersubjetiva com o outro (BRANDÃO, 2007) e na vivência das práticas cotidianas. Um processo em que ao invés de “pensar sobre”, adote o “pensar com” sendo um preceito epistemológico que insere nas discussões acadêmicas os olhares, de certa forma, não legitimados pela academia de modo que os créditos sejam dados aos detentores desse conhecimento.

Com relação a problemática ambiental, a contribuição da antropologia se referem as diferentes etnografias que narram vivências apresentando as diversas

possibilidades de relações estabelecidas pelos diferentes grupos humanos com os não humanos e com os ambientes (FOLADORI & TAKS, 2004). Nesse processo, questiona-se a ontologia ocidental que separa o social e o natural, tornando possíveis ontologias alternativas, outros conceitos conformando as diferenças como contínuas, as tornando relacionais.

O conjunto de reflexões elaboradas por meio da experiência do trabalho de campo do “INRC – Lidas Campeiras na região de Bagé”, pesquisa que descreveu, documentou e reconheceu as práticas e saberes – entendidas como *lidas campeiras* - associadas à atividade da pecuária no pampa brasileiro enquanto patrimônio cultural, constitui as reflexões propostas neste texto sobre aquilo que viemos denominando “lógica da caça” (RIETH et al, 2015). O termo refere-se à composição do modo de vida dos peões campeiros no manejo das atividades da criação extensiva de rebanhos bovinos, equinos e ovinos e está relacionado ao gosto por manter relações próximas à caça com animais de criação – correr atrás, laçá-lo, derrubá-lo.

O “Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) – Lidas Campeiras na região de Bagé/RS”, se constituiu a partir de uma demanda da Prefeitura de Bagé ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), acolhida pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel) por intermédio do curso de Bacharelado em Antropologia. A pesquisa fez uso da metodologia para o registro de bens imateriais do IPHAN e propôs levantar dados bibliográficos e etnográficos sobre as relações estabelecidas entre humanos, animais não humanos, artefatos e ambientes envolvidos na pecuária praticada no pampa brasileiro, identificando os ofícios que a compõem, seus saberes e modos de fazer. O trabalho de campo ocorreu nos anos de 2011 e 2012 sendo os relatórios entregues ao IPHAN em 2013. Atualmente, em razão da mobilização de alguns interlocutores do Inventário, está se encaminhando o pedido do registro das lidas campeiras como patrimônio imaterial brasileiro junto ao IPHAN.

O pampa é um dos seis biomas terrestres do Brasil sendo o único que se estende por um só estado, ocupando 63% do território do Rio Grande do Sul embora faça parte de uma extensa região natural que abrange todo o Uruguai, o centro-leste da Argentina e o extremo sudeste do Paraguai. A vegetação composta por gramíneas e outras plantas rasteiras adaptadas ao solo e as condições climáticas formam planícies imensas e desertas com pequenas matas, principalmente em volta dos cursos de água, formando os campos naturais enquanto nas áreas mais acidentadas tem o predomínio de florestas (BENCKE, 2016). Sua flora campestre abrange cerca de 2.150 espécies vegetais consistindo em uma intensa diversidade florística ao passo que em um metro quadrado de campo nativo

pode conter mais 50 espécies diferentes de plantas o que torna essas pastagens naturais adequadas ao pastoreio. (Idem, 2016).

Mas o que é o pampa na percepção de um peão campeiro? Ao vivenciar o contexto com os campeiros aprende-se que este é percebido a partir de uma relação de alteridade: ao caminhar pelos campos, o etnógrafo percebe que o olhar que encontra bois, cavalos, pica-paus e quero-queros é também “encontrado” pelo olhar deles; os cavalos e bois param de pastar para nos olhar e acompanhar nossos movimentos; os quero-queros e os pica-paus denunciam nossa presença e quebram o silêncio com seus gritos. Constantemente está se estabelecendo relações, pois as presenças e os olhares se encontram e influenciam a ação uns dos outros. Imersos no ambiente aprende-se que os animais não humanos não estão reduzidos a condição de objetos, mas vivendo uma “vida paralela” (SÜSSEKIND, 2014) em constante interação com os demais entes. O etnógrafo aprende que o pampa é constituído por meio das relações que se estabelecem entre os humanos com os diferentes ambientes, com os artefatos e com os outros animais, e é construído a partir desses encontros e circulações.

Assim, no contexto do pampa encontramos diferentes formas de sociabilidade constituídas a partir das estreitas relações estabelecidas entre humanos com os não humanos cujas possibilidades se pode apreender por meio do estudo das diferentes técnicas de manejo desses últimos. O que está se denominando “modo de ser campeiro” é concebido levando em consideração os bois, os cavalos e os cachorros, constituindo uma etnografia multi-espécies (TALLBEAR, 2015), além da cultura material. Os campeiros são trabalhadores que tem a habilidade no manejo dos saberes e práticas que envolvem as atividades de pastoreio para a manutenção da pecuária (RIETH et al, 2015). Eles experienciam um modo de vida em que humanos e outros animais vivenciam um jogo de olhares e de forças, sendo encontros que deixam marcas e saberes. A lida é concebida como *brabíssima*, pois é um modo de vida experimentado em meio às intempéries climáticas, manejo de gado bravo e cavalos xucros, demandando muita força física (o que significa, na linguagem do campeiro, a necessidade de ter “força no braço”) e atenção que, por sua vez, é educada no vivenciar e habitar o ambiente (INGOLD, 2012).

Etnografia da lida no pastoreio extensivo: vacinação do gado bovino

A etnografia de Álvaro Banducci Jr (1999) sobre os peões de gado no contexto do pantanal apresenta um modo de vida cuja marca é a relação de proximidade com os animais não humanos e o meio natural marcada por laços de afinidade, simpatia por um lado e de agressividade por outro considerando que há momentos, como o do abate, em que há a necessidade de distanciamento. Os animais definem o ritmo da vida e do tempo e o convívio diário dos vaqueiros com os mesmos faz com que sejam capazes de prever os seus comportamentos, identificá-los pelo temperamento mantendo um diálogo permanente por meio de sons, gestos e palavras. O autor escreve que o convívio marca o modo de vida e constitui um conjunto de representações por meio de “analogias” em que os vaqueiros “acabam de atribuir atitudes e qualidades com as quais representam a si próprios” (BANDUCCI JR, 1999, p. 109).

A etnografia com os campeiros no pampa traz uma contribuição no sentido de que além das analogias construídas pelos humanos para dar conta das relações com os outros animais, há um aprendizado sendo constituído com esses últimos em que os campeiros aprendem novas possibilidades de viver a vida (WAGNER, 2010) na relação com outros animais. Trazemos uma descrição etnográfica dessas relações tendo como contexto o momento de vacinação do gado bovino. Nesta descrição, pode-se perceber a interação entre os humanos e não humanos que com seus sons, gestos e movimentos constituem o ambiente ao mesmo tempo que são envolvidos por ele.

Berros do gado, latidos de cães, gritos humanos, o tilintar das esporas. É dia de vacinação. Humanos e animais se movimentam em direção ao curral. Montados em cavalos, junto aos cães os campeiros tocam a diante uma tropa de gado vacum. Homens, cavalos e cachorros, todos atentos ao movimento da tropa. Os bois atentos ao movimento dos cães e cavalos. As vacas com cria olham os cães, cuidando seus movimentos e vez por outra, avançam em direção a algum deles. O manejo com o gado leva em consideração a personalidade de cada grupo de animais. O gado xucro e as vacas com bezerros são os que demandam maior cuidado, pois podem atacar em algum momento de desatenção. Estes estão alerta à atenção dos cães e dos campeiros a cavalo, constituindo uma relação visual e constante de “vigilância recíproca” (SÜSSEKIND, 2014). Por outro lado, os animais que os campeiros manejam para conduzir a tropa são aqueles chamados de “gado manso”, posto que esses têm medo dos cavalos e seguem os movimentos indicados por eles.

O observador, que está a pé, é percebido pelo gado, que entra em fuga em direção ao mato. Homens em cavalos e cachorros iniciam a tarefa retomar o gado disperso. Um campeiro solta a *rédea* do freio sendo um movimento que, em conjunto com a inclinação do corpo para a frente, comunica ao cavalo para que ele corra, fazendo-o iniciar um movimento rápido atrás de um novilho, cercando o animal por longe até encontrá-lo, atacando a fuga. Outro campeiro a cavalo vem atrás e, juntos, cercam o boi fazendo a *paletteada*: juntam o corpo dos cavalos nos dois lados do corpo do bovino, tocando-o para junto da tropa. Cabe aos cães trazerem os bois que foram para o mato. A matilha, latindo em volta do novilho, faz com que este busque refúgio aos outros animais, fazendo-o sair do mato. O gado está novamente reunido e a atenção se intensifica, visto que a tropa aprendeu a fugir e constantemente vai tentar novamente.

Os animais são tocados para dentro da mangueira. Os campeiros e cachorros ficam atrás da tropa, gritando e fazendo-a entrar lentamente. O gado tem guampa e os peões descem dos cavalos, pois a guampa pode machucar o animal em algum ataque. Assim, pegam o *guizo*, uma vara de madeira de 1,5 metro de comprimento que apresenta uma espora numa das extremidades, cuja rodilha encosta no lombo do animal, causando dor e fazendo com que este siga para frente. O peão balança o artefato, cujo som remete ao bater do *guizo* de uma cobra cascavel (*Crotalus durissus*). O animal bovino conhece o barulho e, junto aos gritos dos peões, se movimenta para a frente.

Os peões e os cães iniciam os trabalhos no gado: separam um lote com 15 animais vacuns que estão na área maior da mangueira, tocando-os para dentro do *brete*, um corredor em que os animais ficam presos para serem vacinados. Os peões novamente separam, a partir do lote que se encontra dentro da pera, um número calculado de animais que caberão dentro do brete. É aconselhável não separar um lote maior que o tamanho do recinto, pois o animal que sobra e retorna juntos aos outros aprende a *refugar* a entrada do brete. Com gritos, latidos e os sons dos guizos, os animais vacuns são tocados para dentro o local. Eles têm que ficar apertados para não se movimentarem no momento em que se crava a agulha da seringa no couro e injeta-se o produto químico; no caso em questão, a vacina é para eliminar o carrapato (*Rhipicephalus microplus*). Quando entra o último animal, é colocada a retranca que atravessa os últimos troncos do brete. Os animais recebem a vacina, que é dolorida. Alguns tentam fugir e pular, outros se atiram no chão e os campeiros, com gritos e auxiliados pelos cachorros que mordem, o fazem levantar. Os peões observam que os animais que ficam na pera se tornam apreensivos, pois conhecem o barulho da pistola que injeta o remédio e, assim, a atenção é redobrada. Nesse caso, aumenta-se a recusa dos bois para entrar no brete.

O trabalho da mangueira termina e os animais são soltos para o campo. O campeiro tira as varas que fecham a porteira da mangueira e abre a porteira do potreiro. Os cavalos são levados para perto do brete e os bois, observando que a porteira está aberta, começam, lentamente, a sair, para depois correr em disparada na direção do campo. Os campeiros juntam as vasilhas com remédio e a seringa, guardando-as num saco que colocam nos *arreios* (conjunto de artefatos da montaria). Montam nos cavalos e, acompanhados dos cães que devem ficar sempre atrás, tomam a direção das suas casas. Ao mesmo tempo, é comentado o trabalho dos cachorros e dos cavalos, o que eles aprenderam, qual atividade tem maior habilidade e o que estão fazendo errado, necessitando de correção.

“Lidas brabíssimas”: a lógica da caça constituindo o modo de vida

Roy Wagner (2010) concebeu uma antropologia que ultrapassasse os limites de suas próprias convenções investindo a imaginação no mundo da experiência como pressuposto para se construir uma forma de conhecimento e não uma “ideologia”. Assim, evidencia que é somente a partir da experiência de uma estreita interação com o outro que a antropologia se constitui e se transforma. Nesse sentido, a cultura é uma “invenção” do antropólogo para nomear o fenômeno humano. O que o autor nos ensina é que o termo “invenção”, longe de uma mera fantasia, é uma forma de conceber o outro a partir do próprio modo de vida, ou seja, que o antropólogo inclui seu universo de significados no momento etnográfico em que experiencia outro contexto e também no relato que faz ao comunicar essa experiência aos membros de sua própria cultura. A convivência em uma “nova cultura” faz com que o antropólogo “identifique novas potencialidades e possibilidades de viver a vida” (WAGNER, 2010, p. 30). O modo de vida experienciado inicialmente como uma maneira distinta de fazer as coisas se transforma para a maneira no qual se poderia fazer as coisas. Nesse contraste a invenção da cultura do outro possibilita a reinvenção da própria cultura do antropólogo.

Por conseguinte, a invenção da cultura não se dá somente na experiência do trabalho de campo, mas consiste num processo que ocorre na experiência da vida cotidiana quando algum “conjunto de convenções ‘alienígenas’ ou ‘estrangeiras’ seja posto em relação com o sujeito.” (idem, 2010, p. 39). Nesse encontro se aprende novas possibilidades de viver a vida, pois ao familiarizar-se com o estranho, estranha-se o familiar e a cultura se torna um processo dinâmico

de transformações. A compreensão de si e do outro se dá por meio do uso de “elementos simbólicos” (palavras, gestos, imagens) que são colocados em associações dentro de um “contexto” entendido como “um ambiente no interior do qual elementos simbólicos se relacionam entre si, e é formado pelo ato de relacioná-los” (WAGNER, 2010, p. 78). Assim, os elementos simbólicos adquirem sentido considerando que estão inseridos em um contexto e o significado é, assim, produzido nas relações.

A cultura é um processo dinâmico de aprendizagem e ensino que se estabelece entre “nós” e os “outros” em que se inventa criativamente novas possibilidades de viver a vida. O modo de vida dos peões campeiros é construído por meio de experiência e interação com os “outros”, sejam humanos, sejam não humanos. Os campeiros são trabalhadores que têm habilidade no manejo das lidas que envolvem as atividades de pastoreio para a manutenção da pecuária no pampa brasileiro. Quando vendem esse saber/fazer como força de trabalho, são chamados de *peões*. Ofício descrito como árduo, perigoso e insalubre, esse modo de vida traz os atributos ontológicos necessários à construção desses humanos como pessoas, sendo a condição de sua existência (RIETH, RODRIGUES e SILVA, 2015).

O trabalho – lidas campeiras – constrói e constitui ontologicamente os sujeitos, sejam os humanos ou animais próximos (SAHLINS, 2003), tais como os cães e os cavalos. Humanos, cavalos e cães estabelecem uma relação de ensino e aprendizagem na lida. É no cotidiano da lida que o campeiro aprende a se comunicar com o cavalo por meio dos artefatos e dos movimentos corporais, formando uma simbiose entre os dois corpos (LIMA, 2015). Por conseguinte, as habilidades de humanos e cavalos são complementadas pelas dos cães. Campeiros, cavalos e cachorros estabelecem uma relação entrosada, formando uma equipe, e a ação de um é complementada pela ação dos demais. Essa organização tem como objetivo segurar e conduzir o gado. Em cada movimento da tropa, acionam-se técnicas e determinados movimentos. Em sua dissertação, Éric Barreto (2015) descreve sobre a aprendizagem dos cães na lida, que também se dá por um processo de incorporação de habilidades constituídas na experiência e na vivência do trabalho. Os cães jovens, por observação e imitação, vão aprendendo com os adultos antes de tomarem parte efetiva nas tarefas (BARRETO, 2015). Assim, humanos e animais não humanos se domesticam por meio dos encontros que transformam seus corpos e suas formas de ser e viver.

O aprender das técnicas de pastoreio se dá por meio da “educação da atenção”, conceito apresentado por Tim Ingold (2010). Para o autor, o fato do ser estar no mundo se envolvendo com outros entes que constituem o ambiente, além do próprio ambiente, desenvolve a “habilidade”, um conhecimento in-

corporado no *modus operandi* do organismo do animal humano, e também do animal não humano, por meio da “prática e treinamento, sob orientação de praticantes já experientes, num ambiente caracterizado por suas próprias texturas e topografias, e coalhado de produtos de atividade humana anterior” (INGOLD, 2010, p. 16). A “educação da atenção” é o aprendizado que se dá pelo “copiar”, sendo um misto de imitação e improvisação:

O iniciante olha, sente ou ouve os movimentos do especialista e procura através de tentativas repetidas, igualar seus próprios movimentos corporais àqueles de sua atenção, a fim de alcançar o tipo de ajuste ritmo de percepção e ação que está na essência do desempenho fluente (...) (INGOLD, 2010, p. 21).

O peão campeiro tem que conhecer a linguagem do boi, ou seja, através da observação do movimento corporal e do berro deste, deve saber como agir. Quando dentro de uma mangueira, o peão sabe qual o animal que é manso e qual pode atacá-lo. O uso da violência é estabelecido por regras mercadológicas: não se pode bater no animal com rebenques e varas porque machuca a carne e, quando este for abatido, a parte machucada vai ser descontada no valor pago em dinheiro. Além disso, se condena a violência sem justificativa, considerando que esta ação deve ser uma resposta ao ataque. Os animais bovinos e ovinos são os mais distantes das relações com os humanos e são tratados de forma coletiva; entretanto, eventualmente algum bovino, como as vacas de leite que recebem nome e cuidados com ração e pasto, assim como um capão cuja mãe morreu e passa a receber leite na mamadeira, são incorporados no meio dos campeiros. Nesses casos, desfazer-se do animal é algo sentido e, muitas vezes, este é vendido para não ser abatido na propriedade.

Os animais vacuns, domesticados para a produção de carne e couro, também têm agência na construção das lidas. Há uma ambiguidade na relação entre o humano e o boi, na qual, em certos momentos, este último encontra-se na condição de “sujeito”, estabelecendo-se uma relação afetiva entre humanos e animais que se comunicam; em outros, ele é tido como objeto ou “mercadoria”. A relação entre campeiros e animais bovinos e ovinos é menos próxima no sentido afetivo devido à dinâmica de circulação dos animais, que passam alguns dias no campo e são vendidos a qualquer momento. Uma relação que oscila entre a proximidade e distanciamento (BANDUCCI JR, 1999).

Por serem destinados também ao consumo humano, a relação deve ser “objetificada” para justificar o abate. Conforme Guilherme Howes Neto (2009),

a morte faz parte do cotidiano do campeiro, sendo percebida como um fato da vida: *“Nesse mundo uns morrem para matar a fome dos outros.”* Sahlins (2003), tendo como campo a sociedade norte-americana, desenvolve a noção de uma “razão cultural” que hierarquicamente separa os animais comestíveis dos não comestíveis, sendo que a questão da relação entre humanidade e animalidade está relacionada ao status que o animal tem na “participação como sujeito ou objeto” quando em presença de humanos. Bois e porcos são considerados comestíveis, pois não participam como sujeitos nas relações com os humanos. Cavalos e cachorros são animais não comestíveis pelo fato de estarem próximos dos humanos, participando na condição de sujeitos. O cavalo participa na condição de empregado e não-aparentado e o cachorro é considerado um aparentado, o que explica o tabu de comestibilidade deste animal.

As transformações da pecuária influenciam diretamente nas configurações do trabalho e, conseqüentemente, no seu modo de vida. A pesquisa do INRC – Lidas Campeiras levantou dados sobre a introdução do método de pastoreio rotativo Voisin (LIDAS CAMPEIRAS COM BOVINOS/SISTEMA VOISIN, 2012) por seu Nilo e dona Percila, sendo um manejo que não utiliza implementos químicos como carrapaticidas, com alternância da ocupação das pastagens pelos animais, que altera a relação dos humanos e animais na lida extensiva. Para José, peão campeiro da Fazenda Conquista, no manejo é *“o boi quem segue o homem, não o homem quem corre atrás do boi”* e a lida é feita sem cavalos e cachorros. A convivência diária entre o gado e o *peão a pé* estreita a relação entre ambos. Segundo um interlocutor da pesquisa, o gado vê o humano de outra maneira, não como um predador, mas como *“uma pessoa que está lidando com ele todos os dias”*. José aprendeu a exercer o ofício de campeiro trabalhando nas *estâncias*, propriedades rurais voltadas para a pecuária extensiva, e percebe que a diferença entre as lidas se dá no fato de que, no método Voisan, o peão não *“toca as vacas”*, gritando e utilizando cachorros e cavalos, mas convida o gado com a expressão *“vem boi”*, e este imediatamente responde, acompanhando o campeiro. O controle dos carrapatos não se dá por meio de injeção de produtos químicos, mas pela rotação dos piquetes e o controle natural feito pelas garças, que acompanham o gado e se alimentam desses artrópodes. Ao invés da cerca de arame, a cerca elétrica divide a propriedade em pequenas áreas chamadas de *piquetes*. Em vez de cavalos, cachorros, esporas e rebenques está o *levante*, uma vara com média de dois metros de altura que serve para levantar o fio da cerca elétrica para os animais passarem quando estão sendo trocados de *piquetes*. Os proprietários da Fazenda Conquista ressaltam a dificuldade em contratar campeiros para as lidas com o método Voisan: percebe-se uma resistência dos trabalhadores na “lida a pé”, sem cavalos, cachorros e os artefatos com os quais

aprenderam a trabalhar. A preferência dos peões em correr atrás do boi ao invés de ensiná-lo a seguir seus passos reflete um modo de vida sustentado na lógica da caça, em que o animal domesticado se torna xucro quando manejado de forma tradicional.

Conclusão

Ao descrever o gosto dos peões de manter relações próximas à caça com animais de criação, refletimos sobre as noções de caça e domesticação de humanos e dos outros animais. Assim, concebendo a pecuária no contexto estudado como um modo de vida, podemos compreender o porquê de certas preferências, que entram em conflito com a racionalização financeira, serem mantidas. Como um modo de vida, a atividade pecuária transcende a concepção de uma atividade econômica voltada exclusivamente para o lucro, tornando-se, além disso, uma questão cultural. A preferência em correr atrás do boi, ao invés do peão ensiná-lo a seguir os seus passos, nos diz sobre uma cultura sustentada na lógica da caça, que torna o animal, então domesticado, um ser xucro, asselvado, e demonstra o quanto são híbridos os manejos tradicionais e os manejos modernos, considerados racionais.

Notas

¹⁾ A primeira versão deste texto foi apresentada no GT 32 “Ser animal, ser humano: saberes y haceres en las relaciones entre humanos y animales” da XI Reunión de Antropología del Mercosur, realizada em Montevideu – Uruguai no ano de 2015.

²⁾ Professora associada da Universidade Federal de Pelotas. Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

³⁾ Mestre em antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas.

Referências

BARRETO, É. **Por dez vacas com cria eu não troco meu cachorro:** as relações entre humanos e cães nas atividades pastoris do pampa brasileiro. 2015, 116

p. Dissertação (Mestrado em Antropologia) –Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

BANDUCCI JR, Á. Os peões de gado e a representação dos animais no pantanal da Nhecolândia. **Cadernos de campo**, v. 8, n. 8, 1999, p. 107 – 123.

BRANDÃO, C. R. Reflexões sobre como fazer trabalho de campo. **Sociedade e cultura**, v. 10, n.1, p. 11 – 27, 2007.

BENCKE, G. A. Biodiversidade. In: CHOMENKO, L.; BENCKE, G A. **Nosso pampa desconhecido**. Porto Alegre: Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul, 2016, p. 60 – 75.

FOLADORI, G. e TAKS, J. Um olhar antropológico sobre a questão ambiental. **Mana**. 2004, v.10, n. 2. p. 323-348

HOWES NETO, G. **De bota e bombacha**: Um estudo antropológico sobre identidades gaúchas e o tradicionalismo. 2009, 134 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)- Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2009.

INGOLD, T. “Da transmissão de representações à educação da atenção”. **Educação**, n. 1, v. 33, jan./abr. 2010, p. 6-25.

_____. “Trazendo as coisas de volta à vida: Emaranhados criativos num mundo de materiais”. **Horizontes antropológicos**, n. 37, ano 18, jan./jun. 2012 p. 25-44.

LATOUR. B. **Jamais fomos modernos** – ensaio de antropologia simétrica. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

LEAL, O. F. **The Gaúchos**: male culture and identity in the Pampas. Berkeley: University of Califórnia (USA), tese de doutorado, 1989.

LIDAS Campeiras com bovinos/Sistema Voisin. Direção: Cláudia Turra; Mauro Bruschi. Equipe: Flávia Rieth (coordenadora); Marília Kosby; Liza Bilhalva Martins da Silva; Marta Bonow Rodrigues; Pablo Dobke; Daniel Lima. Pelotas: LEPPAIS. DVD – documentário etnográfico, 2012.

LIMA, D. **“Cada doma é um livro”**: A relação entre humanos e cavalos no pampa sul-rio-grandense. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas. 2015.

RIETH, F. et al **Inventário Nacional de Referências Culturais**: Lidas Campeiras na Região de Bagé, RS (volume 3). 1. ed. Arroio Grande: Complexo Criativo Flor de Tuna, 2013, 356p.

RIETH, F.; RORIGUES, M. B.; SILVA, L. B. da. As lidas campeiras na região de Bagé/RS: sobre as relações entre homens, mulheres, animais e objetos na cultura campeira. In: NUMMER, F. V.; FRANÇA, M. C. C. C. (Organizadoras). **Entre ofícios e profissões**: reflexões antropológicas. Belém: GAPTA/UFGPA. 2015, p. 175 – 195.

SAHLINS, M. A Sociedade Ocidental enquanto cultura. In: _____. **Cultura e Razão Prática: La pensée Bourgeoise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p.185 – 199.

SÜSSEKIND, F. **O rastro da onça**: relações entre humanos e animais no pantanal. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014.

SILVA, L. B. M. da. **Entre lidas**: Um estudo de masculinidades e trabalho campeiro na cidade. Dissertação (mestrado em antropologia)- Universidade Federal de Pelotas, 2014.

TALLBEAR, K. An indigenous reflection on working beyond the human/not human. **GLQ: A Journal of Lesbian And Gay Studies**, 21(2-3):230-235, 2015.

ULLOA, A. Concepciones de la naturaleza en la antropología actual. IN: MARTINEZ, L. M. (ed). **Cultura y Naturaleza**, Bogotá: Jardín Botánico de Bogotá José Celestino Mutis, 2011. p. 26-46.

WEBER, M. **Ciência e política**: Duas vocações. São Paulo: Editora Martin Claret. 2006.

